

A decrepitude mórbida da velhacaria temerária e a luta libertária nas ruas

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo

O artigo aborda diversos problemas sociais ocorridos no processo de gestão temerária da república brasileira, submetida ao crivo de um poder plutocrático alheio aos interesses democráticos de nossa estrutura sociopolítica, enfatizando ainda a importância das mobilizações grevistas como contraponto radical aos desmandos governamentais de uma estrutura corrompida de poder que apenas atende aos objetivos do mercado.

Palavras-chave: Golpismo; Corrupção; Greve Geral; Mobilização Popular.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Professor da FACC-UFRJ



Introdução

A espoliação temerária da república brasileira não encontra limites em suas improbidades. O governo oportunista que usurpou o poder presidencial nacional viola mais e mais as bases de nossa ordem democrática, ela mesma historicamente frágil. A promessa de formação de uma ponte para o futuro que inseriria o Brasil nos eixos da Modernidade e do sistema global revela na verdade que o projeto temerário visa antes imergir o país em uma era tenebrosa de violações dos direitos sociais, conquistados arduamente após lutas incansáveis de grupos que não hesitaram em enfrentar o espírito reacionário de estruturas avessas ao progresso autêntico da sociedade brasileira, estruturas essas decrépitas que ainda insistem em existir.

O golpismo temerário propagou o discurso mentiroso de que promoveria a limpeza da vida política brasileira,

inserindo em sua cúpula governamental figuras comprometidas com a superação da “crise” que assola a ordem social nacional, de modo que a técnica e o mérito seriam a tônica de tal gestão, em contraponto ao clientelismo e suas corruptas negociatas que tanto feudalizaram historicamente nossa coisa pública. Contudo, os acontecimentos degradantes demonstram claramente que a cúpula temerária é precisamente a fomentadora por excelência de atos corruptos que chafurdam a democracia brasileira na lama e que essa súcia não possui nenhuma legitimidade política para empreender qualquer mudança na letra constitucional. Não são políticos orientados pelos princípios democráticos que ocupam os cargos ministeriais no governo temerário, mas clientelistas vulgares associados ao crime organizado de alto escalão. Ou melhor, são os próprios criminosos.

Vivemos o processo de construção da ponte para o passado, conveniente aos interesses elitistas dos latifundiários, dos plutocratas, dos reacionários, dos fascistas vociferantes, de todos os segmentos sociais, políticos e financeiros avessos ao estabelecimento da justiça efetiva no Brasil. O governo temerário apregoa fomentar o diálogo democrático com todos os quadros sociais em favor da conciliação nacional, mas não hesita em maquirar dia a dia procedimentos escusos para garantir a realização dos seus medonhos projetos reacionários, manipulando a coisa pública brasileira de maneira arbitrária e improba de modo a agradar aos plutocratas de todas as categorias, nacionais e estrangeiros. Não é possível que ocorra assim qualquer conciliação sociopolítica, agradável somente aos seráficos idiotas alheios aos problemas e contradições do mundo concreto.

Manifestações populares legítimas que contestam os delitos temerários são tripudiadas pela mídia vendida ao projeto corrupto da cúpula golpista, são estigmatizadas pelas elites plutocráticas como contrárias ao progresso econômico conveniente para o sucesso brasileiro, assim como são espancadas continuamente pelas truculentas forças policiais das corporações militares, herdeiras de uma tradição fascista que faz da ignorância e do irracionalismo suas virtudes capitais. Para que se instaure uma democracia radical no Brasil é imprescindível uma luta ubíqua contra todas as estruturas reacionárias contrárias ao processo de emancipação social da população: os partidos políticos fisiológicos, as corporações midiáticas, o militarismo policial. Mesmo que todas as evidências concretas demonstrem que o empreendimento temerário triunfa sem maiores resistências, as forças multitudinárias comprometidas com a

ação emancipatória não esmorecem perante tais arbitrariedades hegemônicas, e talvez a destruição do governo temerário ocorra inesperadamente, o que exige atenção constante de todos os membros revolucionários que lutam pela justiça social.

Os descabros da rapinagem temerária

O governo temerário demonstra sua completa falta de pudor acerca do modo de gerenciar a coisa pública brasileira ao negociar cargos com partidos aliados em troca da adesão dos parlamentares desses partidos coligados nas votações convenientes aos seus propósitos espoliadores da democracia brasileira. Genuíno voto de cabresto típico do autoritarismo clientelista que ainda vigora em nossa atual conjuntura política, cujas bases axiológicas não vivenciaram o processo de modernização racional nas suas relações de poder. Se houvesse efetiva proibidade republicana na gestão temerária, o presidente golpista não usaria a troca clientelista de cargos como capital político a beneficiar temporariamente aliados oportunistas que se submetem aos seus desmandos autoritários e escusos; pelo contrário, até mesmo toleraria tranquilamente as divergências políticas, pois elas são fundamentais para a dissolução de qualquer hegemonia burocrática do poder e para a ampliação do círculo de ideias renovadoras. Mais uma vez percebemos a falácia corrupta da dita “ponte para o futuro”, pois o que menos ocorre na gestão temerária é a instauração de uma governança racional, isonômica, transparente, democrática, conveniente com o projeto de emancipação social e de formação de uma gestão racional da coisa pública.

O presidente temerário não consegue transmitir publicamente a imagem de idoso provento, pois o parasitismo necrófilo plasmou-se em seu semblante, como um vampiro que suga as energias nacionais. O medo da reação popular o deixa isolado no seu frio gabinete, e suas esquálidas aparições públicas são facilmente anuladas pelo clamor da revolta multitudinária, que não perdoa figuras tímidas desprovidas de respeitabilidade e presença de espírito. Um líder autêntico não teme o clamor das massas, pois seu carisma e sua competência administrativa são instrumentos para gerenciar conflitos e conduzir a coisa pública de maneira progressista. Contudo, todo golpista é desprovido de qualquer escrúpulo e prefere transmitir para a posteridade a imagem de homem medíocre que por uma contingência infeliz conquistou o poder político.

Na grande narrativa do golpe, encontramos inúmeros discursos direitistas defendendo a moralização da política, a supressão da corrupção, a histórica criminalização da esquerda pelo reacionarismo fascista e pelo cretinismo neoliberal. Contudo, os excrementos dos fatos indébitos dos paladinos da moral e dos bons costumes, dos “cidadãos de bem”, vieram à tona, desmascarando as boas intenções desses abnegados parlamentares e financistas que “apenas” pretendiam, em disposição “abnegada e altruísta” reestruturar a sociedade, a economia e a política do Brasil. O presidente temerário não ouve as vozes multitudinárias, mas acolhe secretamente em seu palácio empresários criminosos para ratificar transações fraudulentas que já são provas suficientes para arrancá-lo de seu mandato e atirá-lo na prisão. A máscara hipócrita dos vociferantes direitistas caiu, e a nudez ignominiosa dessa corja

rapinante revela os seus traços degenerados que só encontram alimento para seu câncer corrosivo através da espoliação do patrimônio público brasileiro. A súcia direitista se vende por pouco, evidenciando sua mesquinha existência, para além de todo sucesso financeiro obtido nos seus longos anos de exploração das riquezas nacionais em proveito próprio.

Ao abordarmos o retrocesso político subjacente ao processo golpista e corrupto efetivado pela cúpula temerária, não podemos deixar de analisar a questão do feminino em sua luta por reconhecimento e empoderamento no seio de uma sociedade patriarcal e reativa. A imagem da mulher para o presidente da triste figura representa formidavelmente sua visão de mundo e seu projeto social para a população brasileira: bela, recatada e do lar, figura discreta, mulher submissa, silenciosa, que exerce anonimamente as suas funções domésticas. Se a dama temerária aceita piamente esse padrão de vida, as demais mulheres brasileiras não são obrigadas a imitarem tal modelo de existência. Para muitos patriarcalistas convictos, reacionários viscerais, o conceito de empoderamento feminino é uma palavra diabólica. O homem que depende da obscuridade feminina para se realizar pessoalmente é um impotente absoluto.

O terror da Greve Geral

Reformas na estrutura política do país são convenientes, pois o avançar das eras transforma as relações sociais e modifica as bases econômicas da infraestrutura nacional. Contudo, um governo golpista, transitório, acidentado, eivado de parlamentares inescrupulosos, não possui qualquer legitimidade para operar tais reformas que, no fundo, deixarão as coisas como são, ou pior,

criarão retrocessos nas relações trabalhistas, que, aliás, já são desfavoráveis aos trabalhadores, mas que, em uma perspectiva democrática desenvolvimentista, lhes garantiam direitos mínimos contra a rapinagem empresarial. A crise que se instala na cúpula temerária graças aos seus segredos desvelados a cada dia pelas investigações especializadas impede o avanço do processo espoliador das articulações políticas, mas o risco desse perigo antidemocrático somente se dissolverá quando ocorre a defenestração de toda a pirâmide criminosa temerária. Noam Chomsky considera que

É concebível que os ideais liberais clássicos, expressos e desenvolvidos em sua forma socialista libertária, sejam realizáveis. Mas se assim o forem, serão apenas por um movimento revolucionário popular, baseado em um amplo estrato da população e comprometido com a eliminação de instituições repressoras e autoritárias, estatais e privadas. Criar esse movimento é um desafio que enfrentamos e que devemos cumprir, se quisermos escapar da barbárie contemporânea (CHOMSKY, 2007, p. 54).

A possibilidade de realização de uma Greve Geral faz irromper o pânico na consciência burguesa em seus diversos segmentos socioeconômicos: empresariado, meios de comunicação, políticos plutocratas, latifundiários, pecuaristas, governos lacaios do mercado. Georges Sorel, em suas *Reflexões sobre a Violência*, aborda exaustivamente esse processo multitudinário destruidor da ordem burguesa vigente e sua blindagem ideológica pautada na lógica do mercado. Os reacionários chamam de vagabundos os grevistas que lutam pela

consolidação dos direitos trabalhistas, mas toleram piamente os descompromissos públicos dos parlamentares oportunistas, que somente se esforçam em intermináveis sessões quando assim convém aos seus interesses escusos.

O discurso hegemônico desses poderes visa desmerecer as reivindicações dos trabalhadores revoltosos contra os desmandos do sistema vigente que somente beneficia os interesses de uma minoria antissocial, enfatizando que a realização de uma greve, em um momento de crise econômica nacional, prejudica ainda mais a mesma, impedindo o seu saudável “crescimento”. Os jornalistas cães de guarda da lógica do mercado, corrompidos pelos investimentos empresariais que sustentam as corporações midiáticas com verbas publicitárias e polpudas propinas, se posicionam como instâncias acima das contingências sociais, mascarando as cisões internas da estrutura política que, ao fim e ao cabo, motivam nas forças laborais a justa indignação contra os atos governamentais que prejudicam diretamente as vidas de uma multidão de pessoas espoliadas das suas precárias garantias civis, suspensas sempre que as mesmas impedem o sucesso financeiro dos plutocratas.

A Greve Geral encontrará seu sucesso político ao paralisar pelo tempo necessário para a realização do seu efeito devastador toda fonte de lucro indébito para as forças reacionárias da sociedade brasileira que prosperam mediante a degradação existencial das massas trabalhadoras, reificadas pelo sistema alienante do regime capitalista. Contudo, pelo conceito de Greve Geral não podemos compreender apenas a supressão incondicional do trabalho

alienado e reificador cujo lucro sempre favorece a espoliação empresarial, mas também a quebra na lógica normativa do consumo que alimenta o também alienante e reificador sistema capitalista, uma vez que suas relações sociais se pautam pela divinização fetichista das mercadorias, convertidas em poderosos mediadores interpessoais que outorgam aos seus usufrutuários qualidades artificiais. Imaginemos o mal-estar moral reinante nos dias em que as emissões midiáticas não encontrarão espectadores e assim não haverá audiência para os produtos propagandeados, em que os jornais não encontrarão leitores, em que as lojas não venderão seus produtos, pois não encontrarão compradores.

A greve de consumo produzirá a supressão do fetichismo da mercadoria e seus imediatos falseamentos nas relações humanas, exigindo como medida basilar para sua consolidação o reconhecimento ético da importância da frugalidade, axiologicamente distinta tanto do desperdício como do ascetismo. Somente podemos falar de sustentabilidade dos atos de consumo quando a ideologia capitalista é suprimida e substituída pela consciência comunista que democratiza radicalmente o acesso humano aos bens necessários para sua manutenção orgânica e social.

A vitória política da Greve Geral pressupõe a paralisia das atividades não apenas dos transportes públicos, mas das fábricas, comércio, instituições de ensino, aparatos da segurança pública, assim como a ocupação desses locais pelas forças trabalhadoras sublevadas. Em uma análise estrutural da economia capitalista percebe-se que as greves que envolvem setores efetivamente geradores de produção material (indústria e comércio), segurança

pública (corporações policiais) e saúde pública são muito mais impactantes do que as que envolvem as atividades da intelligentsia (instituições de ensino em seus diversos segmentos), por isso as mobilizações dessas últimas, comumente extensas, apresentam poucas conquistas para os seus membros, pois a capacidade de se sensibilizar o poder estabelecido é consideravelmente menor. Por conseguinte, em um processo de resistência aos mandamentos autoritários do mercado e do Estado Plutocrático é crucial que todos os setores comprometidos não apenas com as melhorias nas condições profissionais, mas também com a democratização das relações sociais, se unam em um grande bloco de contestação ao poder opressivo não apenas das corporações empresariais, setoriais da flexibilização das regras trabalhistas para que possam assim aumentar seus índices de lucratividade, como também da própria gestão governamental, avessa aos paradigmas democráticos e ao respeito pela coisa pública.

As grandes greves raramente realizam seus objetivos explosivos pelo fato de que trabalhadores de diversos segmentos profissionais, por medo, comodismo ou servidão voluntária, rompem com o comando grevista, retomando assim suas atividades laborais convenientes para a manutenção da ordem normal do sistema capitalista. O grande passo além de superação do autoritarismo mercadológico e governamental somente ocorrerá quando a solidariedade grevista se tornar o elo conector de todos os segmentos profissionais, independentemente dos seus papéis sociais. Lenin apresenta uma colocação de suma importância para o esclarecimento dessa questão:

A consciência da classe operária não será uma consciência verdadeiramente política se os operários não se acostumarem a reagir contra todos os casos de arbitrariedade e opressão, de violência e abuso de toda espécie, quaisquer que sejam as classes atingidas (LENIN, 2006, p. 181).

Na atual conjuntura fragmentada das demandas grevistas, vemos, por exemplo, que as mesmas forças policiais que reivindicam melhores condições de trabalho, aumentos salariais e garantias previdenciárias são também as que agredem professores, estudantes e outros cidadãos em manifestações multitudinárias, evidenciando um completo descontrole da força física. Por conseguinte, não é de se estranhar que, quando policiais são abatidos em serviço, diversos segmentos da intelligentsia social e mesmo pessoas comuns de segmentos economicamente desprivilegiados constantemente oprimidos pelos aparatos repressivos pouca comoção evidenciem por esses acontecimentos terríveis.

Quando impera a falta de solidariedade social da parte de um grupo autocentrado perante as diversas mazelas públicas, não se pode exigir, quando a necessidade se faz presente, que outros segmentos tenham o compromisso político de se engajem em apoio àquele. Os membros das forças policiais (repressoras de toda desordem pública) alegam que apenas cumprem ordens superiores, seja do comandante militar, da secretaria de segurança ou mesmo do poder executivo. Porém, quando uma ordem oficial é arbitrária, a mesma pode ser descumprida, não importa de onde ela seja proveniente, por isso os policiais são responsáveis pela truculência e pelo vandalismo ocorridos nas manifestações multitudinárias, pois justamente agem

com o instinto de violência reacionária como motor dos seus ofícios. As tropas de choque do poder plutocrático travestido de poder legal são as verdadeiras vândalas sociais, as promotoras da desordem pública. As forças policiais, desprovidas de inteligência estratégica e de conhecimento orgânico das contradições sociais, somente encontram nas técnicas repressivas seu meio de atuação pública, daí a necrofilia usual das suas violências cotidianas contra todos os grupos sociais imputados como divergentes da ordem burguesa, tais como os favelados e os grevistas.

Os meios de comunicação de massa denunciam os pretensos excessos de grevistas contra o patrimônio público e contra os bens privados mediante as depredações, saques e outros atos afins. Todavia, o que são esses excessos perante as espoliações dos direitos civis realizadas pelas corjas políticas alheias aos princípios democráticos? O que são essas destruições materiais perante os atos truculentos dos policiais que constantemente oprimem e aniquilam pessoas que, desprovidas de poder financeiro, são também desprovidas de direitos sociais? A governança plutocrática, ao demolir com o suporte das forças policiais as casas de pessoas espoliadas para entregar os terrenos limpos para as empreiteiras, em verdade se configura como o genuíno poder vândalo, pois suprime a cidadania de seres humanos desprovidos de proteção jurídica perante o arbítrio tirânico do sistema financeiro. O vandalismo dos manifestantes é brincadeira de criança perante a violência sistêmica dos aparatos repressivos ao serviço do autoritarismo estatal que governa indecorosamente para maior satisfação dos interesses plutocráticos. Obviamente conviria que não houvesse qualquer tipo

de violência nos dissensos sociais, mas como estamos inseridos em uma forma de vida sustentada pela contradição e pelo calor das paixões, não podemos deixar de contar com esses acontecimentos ruidosos que chacoalham a anestesiada consciência social massificada:

A violência proletária muda o aspecto de todos os conflitos no curso das quais é observada, pois ela nega a força organizada pela burguesia e pretende suprimir o Estado que forma seu núcleo central [...]. A violência proletária, exercida como uma manifestação pura e simples do sentimento de luta de classe, aparece assim como algo belo e heroico. Ela está a serviço dos interesses primordiais da civilização. Talvez não seja o método mais apropriado para obter vantagens materiais imediatas, mas pode salvar o mundo da barbárie (SOREL, 1992, p. 39; p. 110-111).

A seráfica consciência burguesa não percebe que muitas vezes os oprimidos sociais já suportaram terríveis violências constantes e não aguentam mais essas misérias, respondendo aos agravos de forma contrária aos padrões normativos da “etiqueta”, pois aspiram ao bem maior da existência, a vida criadora de direitos, bloqueada constantemente pelas forças reativas dos necrófilos sociais, infiltrados em todas as estruturas de poder que são avessas ao empoderamento popular. Paulo Freire argumenta com sublime razão política que

Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor. Enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser,

a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser. Os opressores, violentando e proibindo que os outros sejam, não podem igualmente ser; os oprimidos, lutando por ser, ao retirar-lhes o poder de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão (FREIRE, 2005, p. 48).

Quando as violentas manifestações populares acontecem nos “grandes centros civilizados” (Europa), o discurso midiático curiosamente se atenua, inclusive demonstrando razoável simpatia para com as causas justas dos revoltosos. Quando as rebeliões ocorrem em nossas terras brasileiras, o palavreado jornalístico muda consideravelmente, adquirindo tonalidades virulentas e reacionárias. Talvez esses manipuladores da verdade temam perder seus privilégios sociais ou bens ainda maiores perante a tomada de poder de uma multidão revolucionária, que não perdoa traidores da causa libertária.

Muitos “cidadãos de bem” reclamam que em dias de greve a circulação social é “prejudicada”, que muitos são impedidos de ir e vir, que os atos grevistas retiram as liberdades pessoais daqueles que são contra esses protestos. Ora, as facilidades de circulação são hoje “prejudicadas” para que se possa efetivar a verdadeira cidadania amanhã de todos aqueles que empreendem lutas pela democracia radical. O que é a liberdade de ir e vir perante a submissão humana aos imperativos do mercado que se pautam pela consumição total dos sujeitos? Toda greve visa gerar incômodo nos poderes estabelecidos, nos plutocratas e nos abestalhados cuja indolência política somente favorece os interesses dos primeiros; para tanto, o

fechamento das vias públicas é fundamental como estratégia de choque e de luta por reconhecimento da demanda humana por emancipação, principalmente as próximas dos grandes centros comerciais. Passeatas motivadas por interesses emancipatórios ocorrem em dias de semana em locais cruciais das cidades, passeatas cujas pautas são golpistas, moralistas, ufanistas, fascistas e patriarcalistas ocorrem em fins de semana em avenidas de bairros nobres e são muito mais eventos festivos do que propriamente mobilizações políticas.

Quando um empresário raivoso, cuja aparência e discurso se assemelham a de um membro da tropa de choque nazista, divulga um vídeo nas redes sociais despejando ódio contra os grevistas, acusando-os de lhe causarem prejuízos financeiros da ordem de milhares de reais, o reacionarismo liberal reforça sua carga virulenta contra as mobilizações dos trabalhadores, imputando-lhes o estigma de adversos ao progresso econômico, ao espírito de modernidade financeira conveniente aos novos tempos do capitalismo flexível, cujas bases apenas beneficiam aos plutocratas. Todavia, os pretensos prejuízos monetários sofridos pelo empresário ressentido não se comparam aos valores que o mesmo surrupiou dos seus empregados no seu sórdido regime de mais-valia, ao impor aos subordinados exploração abnegada para que as metas comerciais sejam cumpridas e assim o distinto burguês possa usufruir do seu lucro em viagens ao exterior e nos seus passatempos hedonistas. Um empresário desprovido de consciência social há que temer a insurgência da Greve Geral, pois seu negócio correrá o risco de falir e assim suas engrenagens opressoras não conseguirão mais dominar os trabalhadores que até então se

submetiam ao seu jugo para que obtivessem o sofrido sustento diário.

Considerações finais

Fantoches de interesses plutocráticos de empresários e políticos prevaricadores, não tarda para o horrendo presidente, violador da ordem republicana, perder seu mandato, ilegítimo. O corrupto governo temerário se esforçou ao máximo para esconder seus crimes contra a coisa pública brasileira; contudo, seus excrementos afloram aos olhares de todos, de modo que a permanência do presidente-golpista no cargo se torna definitivamente insustentável, após tantos delitos e desmandos que ofenderam a razão de toda pessoa esclarecida. Nem mesmo os direitistas mais ferrenhos conseguem suportar sua permanência no cargo, considerada prejudicial para a superação da crise institucional e para o reaquecimento da economia. O opróbio da história registrará o nome do presidente vampiresco como a encarnação da miserabilidade, da decadência, da covardia, da impotência. A constituição brasileira foi violada para que o presidente temerário conquistasse um cargo que não lhe cabia por justiça, e após desfrutar desse poder o mesmo lhe é retirado. Em verdade, tal poder nunca lhe pertenceu. Qualquer nome para substituí-lo que não o oriundo de eleições diretas não terá a respeitabilidade fundamental para o exercício soberano das suas funções constitucionais, perpetuando assim a crise institucional que emperra a organização política nacional, dominada pelas cúpulas corruptas e reacionárias. Os dias presidenciais do golpista temerário estão perto do fim, mas isso não significa qualquer vitória para a democracia brasileira, pois a estrutura parlamentar está repleta de deputados

federais e senadores que são genuínos defensores de interesses econômicos distintos da razão pública. O mal-estar de nossa conjuntura política demonstra que a formação de uma estrutura democrática desprovida de sólida base social é impossível. O êxito de qualquer iniciativa emancipatória conforme a estrutura constitucional em voga depende da associação entre forças multitudinárias de resistência aos imperativos corruptos da plutocracia e uma combativa base parlamentar democrática norteadas pelo compromisso político de concretizar o progresso do bem comum para além das determinações corporativas. Por isso, em tempos de incertezas políticas e ameaças da virulência fascista as instituições partidárias comprometidas com a democracia radical dependem do apoio libertário das ruas tomadas de pessoas emancipadas e empoderadas que amam a coisa pública laica, soberana e desprovida de parasitas que sugam suas forças empreendedoras. Os plutocratas corruptos empreendem suas falcaturas em gabinetes assépticos, as multidões democráticas fazem das ruas seu poder transformador da ordem social e são a alma viva da revolução que nenhuma reação temerária conseguirá deter. Tal como muito bem formulado por Paulo Freire,

A revolução é biófila, é criadora de vida, ainda que, para criá-la, seja obrigada a deter vidas que proíbem a vida. Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma “morte em vida”, e a “morte em vida” é exatamente a vida proibida de ser vivida (FREIRE, 2005, p. 197).

Os ditos excessos multitudinários em nada se comparam aos atos terroristas do

sistema temerário, que retira os direitos cidadãos daqueles que não coadunam com as violações golpistas da máfia parlamentar aferrada ilegitimamente ao poder nacional. Existe, por paradoxal que possa parecer para a interpretação prosaica da realidade, um poder criativo na destruição multitudinária. Os prédios governamentais devastados pela fúria popular representavam o hiato entre o poder político e as aspirações democráticas, tal como uma nova Bastilha que deve ser pulverizada em nome da afirmação da liberdade para além do formalismo jurídico e da dominação burocrática que se esconde na assepsia dos seus gabinetes. A covardia temerária, se não for defenestrada pela força revolucionária das ruas, será eliminada por seus próprios crimes que corroem suas bases internas, mediante a ação legal do que ainda resta de constitucional em nosso sistema jurídico. Os fatos se sucedem velozmente tal como a queda das peças de um dominó e a capacidade de analisar os acontecimentos exige perspicácia dos que se aventuram na interpretação dessa tenebrosa seara de instabilidade política.

Referências

- CHOMSKY, Noam. **O governo no futuro**. Trad. de Maira Parula. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- LENIN, Vladimir. **Que fazer? A organização como sujeito político**. Trad. de Rubia Prates Goldoni. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SOREL, Georges. **Reflexões sobre a Violência**. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1992.